



Um equívoco monumental

Precisamente na Terça feira de Entrudo, veio a público o “Manifesto para a educação da república” onde, partindo da constatação de que “a República está a educar mal os seus filhos”, se apela ao Presidente da República para que “mobilize para a batalha inadiável da educação as instituições e os cidadãos, o Governo e a Assembleia da República, as escolas e as associações científicas, profissionais, empresariais e sindicais”.

Este documento foi posto na internet, com o objectivo de recolher 5000 assinaturas para entregar ao Presidente da República, tendo em vista a realização de um congresso sobre educação em que se promovam um debate amplo entre as classes profissional e empresarial, a comunidade científica e a sociedade civil em geral

Mas, porque razão todo este interesse e preocupação com a Educação, toda esta necessidade de debates e vontade de mudanças têm feito correr tanta tinta, se estamos todos de acordo que a Educação não está, nem nunca esteve bem, se consideramos que todos os debates são bem-vindos e que todos somos poucos para levar a cabo tal empreendimento?

A crónica de Manuel Vilaverde Cabral dá algumas achegas. Ele entende esta acção, que nos foi apresentada como apolítica, bem-intencionada, importante e oportuna, como sendo uma “monumental série de equívocos” considerando que o maior de todos é “acreditar que existe uma visão consensual, para não dizer unânime, da situação da educação em Portugal”.

Tal como refere Vilaverde Cabral, há, a nosso ver, muitos equívocos derivados dos pressupostos erróneos e das omissões que no documento existem.

É redutor, limitado e simplista associar, o mau desempenho dos alunos portugueses nos estudos internacio-

nais e nacionais à incapacidade de se produzir riqueza. Embora com o mal dos outros possamos nós bem, o que é certo é que não podemos deixar de considerar uma mistificação, a ideia, de que Portugal tem a exclusividade dos problemas na educação. Tal como diz Vilaverde Cabral “A crise da educação é geral e, em Portugal, não é diferente das crises que afectam todos os aparelhos do Estado-Providência implantados com a democracia”.

Um outro aspecto enganador do manifesto, salientado também nesta crónica, é atribuir-se à escola a responsabilidade de todos os problemas da sociedade. Diz Vilaverde Cabral:

“Na realidade, a maioria dos problemas atribuídos ao mau funcionamento do sistema escolar é importada da sociedade. Crise da família e quebra da autoridade tradicional; multiculturalismo e exclusão social; mediatização e culto da juventude; drogas e violência; desmotivação dos docentes e falta de vocação dos alunos - são apenas alguns dos fenómenos ‘societais’ que se exige à escola que resolva, no contexto de uma massificação, simultaneamente, tardia e acelerada. Por mais manifestos que se

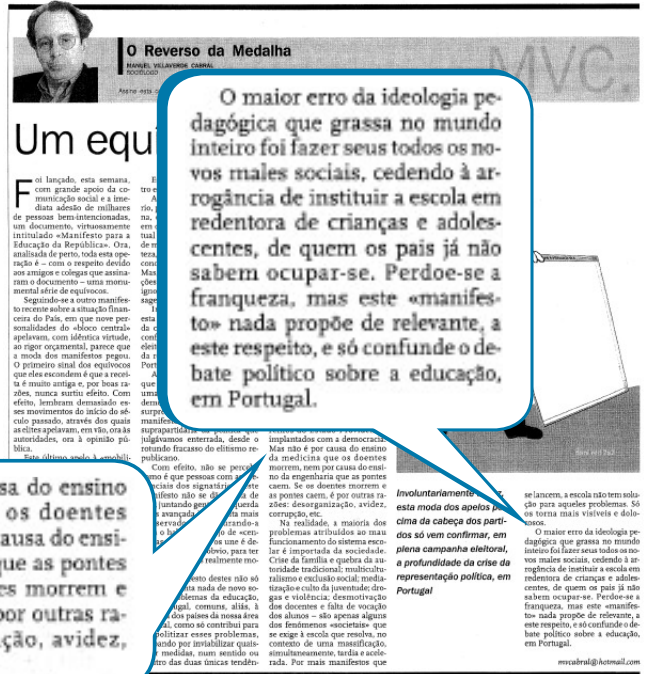
lancem, a escola não tem solução para aqueles problemas. Só os torna mais visíveis e dolorosos.”

Com ou sem manifestos, todos sabemos que a Educação não está bem. A grande questão é ser capaz de concretizar possibilidades e de criar vias articuladas que possam resolver os problemas educativos com que hoje nos debatemos. Podemos e devemos saber interpretar opções educativas de outros países ... mas também não poderemos ignorar os esforços e avanços significativos que, neste campo, foram realizados nos últimos trinta anos em Portugal.

Qualquer mudança em educação é lenta. Há que ter persistência e insistir num trabalho continuado que tenha em conta uma análise séria da situação actual. E isto, claro, é bem mais difícil do que assumir que existem sociedades que formam eficazmente, do ponto de vista intelectual e profissional, todos os seus cidadãos e que nós apenas temos que construir um sistema semelhante!

Fátima Alonso Guimarães
EB 2,3 Telheiras

Joana Brocardo
ESE de Setúbal



Mas não é por causa do ensino da medicina que os doentes morrem, nem por causa do ensino da engenharia que as pontes caem. Se os doentes morrem e as pontes caem, é por outras razões: desorganização, avidez, corrupção, etc.

O maior erro da ideologia pedagógica que grassa no mundo inteiro foi fazer seus todos os novos males sociais, cedendo à arrogância de instituir a escola em redentora de crianças e adolescentes, de quem os pais já não sabem ocupar-se. Perdoe-se a franqueza, mas este «manifesto» nada propõe de relevante, a este respeito, e só confunde o debate político sobre a educação, em Portugal.

Involutariamente, esta moda dos apelos ao cima de cabeça dos partidos só vem confirmar, em plena campanha eleitoral, a profundidade da crise da representação política, em Portugal.

O maior erro da ideologia pedagógica que grassa no mundo inteiro foi fazer seus todos os novos males sociais, cedendo à arrogância de instituir a escola em redentora de crianças e adolescentes, de quem os pais já não sabem ocupar-se. Perdoe-se a franqueza, mas este «manifesto» nada propõe de relevante, a este respeito, e só confunde o debate político sobre a educação, em Portugal.